

# Crueldade, guerra e o cidadão de bem

Nada além do ponto final

Fabiana Villas Boas,<sup>1</sup> São Paulo

---

Resumo: A partir de uma composição de Caetano Veloso e Gilberto Gil, “Eles”, a autora discute a ideia de banalidade do mal da filósofa Hannah Arendt sob a ótica psicanalítica. Retoma brevemente os chamados textos sociológicos de Freud – *Por que a guerra?*, *Totem e tabu*, *Psicologia das massas e análise do eu* e *O mal-estar na civilização* – para refletir sobre a formação mítica da sociedade ocidental em torno da culpa pelo parricídio e da criação dos laços fraternos como forma de evitar novas manifestações da violência fundamental. Considera as pulsões de vida e de morte, como lidas por Freud em *Além do princípio do prazer* e por Zaltzman em *A pulsão anarquista*, para pensar a crueldade exercida por pessoas comuns ou, em outros termos, a banalidade do mal.

Palavras-chave: crueldade, banalidade do mal, psicanálise, pulsão de vida, pulsão de morte

*Em volta da mesa, longe do quintal  
A vida começa no ponto final*

*Eles têm certeza do bem e do mal  
Falam com franqueza do bem e do mal  
Creem na existência do bem e do mal  
O florão da América, o bem e o mal*

1 Psicanalista. Psicóloga pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Mestre em psicologia clínica pela Universidade de São Paulo (USP). Coordenadora do Núcleo de Psicanálise e Relações Raciais do Instituto Gerar de Psicanálise. Membro do Núcleo de Estudos em Saúde Mental e Psicanálise das Configurações Vinculares (Nesme), do Departamento de Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, e da Rede de Psicanalistas Atent@s às Relações Raciais.

*Só dizem o que dizem, o bem e o mal  
Alegres ou tristes, são todos felizes durante o Natal*

CAETANO VELOSO & GILBERTO GIL, “Eles”<sup>2</sup>

Em *Por que a guerra?* (1932/2010c), correspondência aberta promovida pela Liga das Nações entre alguns intelectuais de renome, Freud responde a Einstein essa indagação. O pai da psicanálise inicia a carta com uma discussão sobre direito e violência, afirmando que, com o desenvolvimento da civilização, a violência física como forma de manutenção do poder foi substituída por estratégias intelectuais, ou seja, o direito, que representaria o poder de uma comunidade, ao contrário da violência, que sustentaria o poder de uma única pessoa, numa clara referência a *Totem e tabu*, texto de 1913 no qual formula uma narrativa mítica sobre o desenvolvimento das sociedades em torno da lei.

Em *Totem e tabu* (1913/1996), Freud inaugura uma antropologia psicanalítica, comparando o funcionamento psíquico dos povos primevos com o do neurótico. Para Freud, no início havia a horda. Ela era gerida por um pai violento e temido, que tomava para si todo o poder até os filhos se reunirem para assassiná-lo e devorá-lo. Culpados, organizaram-se em torno da lei, representada pelo totem e pelo tabu, para evitar que tal violência se repetisse. A partir de então, temos uma sociedade pautada na identificação com o pai e na internalização dele, na culpa pela violência cometida, na criação dos laços fraternos da sociedade, juntamente com o respeito à lei. De maneira mítica, Freud descreve o complexo de Édipo, seu herdeiro, o superego, e a renúncia aos impulsos violentos como forma de manutenção do laço social.

Voltando à carta, Freud reconhece o vínculo afetivo entre as pessoas do coletivo e a construção de normativas como base para a manutenção dele. Em *Psicologia das massas e análise do eu* (1921/2011), sustenta a tese de que o amor faz a ligação no coletivo, entre os pares e com o líder – amor pautado nas idealizações e na identificação com um líder em comum, como forma de atualização do que fora descrito em *Totem e tabu* anos antes. Mas, como já sabemos, nem só de amor foi criada a sociedade; havia também uma violência fundamental. Assim, com base no conflito e na ambivalência entre amor e ódio, nascem a sociedade e os laços sociais, conflito que nos remete à segunda teoria pulsional.

Em consonância com a ideia do ódio como anterior ao amor, em *Além do princípio do prazer* (1920/2010a) Freud introduz o conceito de pulsão de morte. A partir de diversas cenas na quais podemos ver a compulsão à repetição, ele constrói uma nova teoria pulsional. As pulsões autoconservativas e as eróticas são unidas em uma só, representando as pulsões de vida, que

2 Para a letra completa da música, acesse: <https://bit.ly/3K5Nz0y>.

perturbam a tranquilidade do aparelho psíquico e têm o objetivo de unir, agregar. Ao mesmo tempo, desenvolve a teoria da pulsão de morte: silenciosa, tem o objetivo de levar o organismo ao estado inorgânico – por isso a compulsão à repetição. A pulsão de morte viria antes da de vida, e esta circundaria a primeira para evitar a descarga total. Pulsão é movimento, e uma é indissociável da outra: enquanto uma faz barulho, a outra acalma o aparelho; enquanto uma aumenta a carga, a outra a diminui; enquanto uma ataca, a outra desata.

Na carta, Freud lembra que, apesar do pacto social instaurado, o poder nunca é dividido igualmente, o que pode gerar deslocamentos pacíficos ou rebeliões para que o direito de muitos seja garantido perante a minoria autoritária. Acrescenta ainda uma breve discussão da teoria das pulsões ao pensar a tendência do homem de entrar em guerra: “O instinto de morte se torna instinto de destruição ao ser dirigido, com a ajuda de órgãos especiais, para fora, para objetos. O ser vivo como que conserva sua própria vida ao destruir a vida alheia” (1932/2010c, p. 429).

Essa panorâmica por alguns dos textos sociais de Freud, atrelada à segunda teoria pulsional, nos leva a crer que o homem é fadado à guerra. Até porque a própria sociedade nasce do esforço para evitar o parricídio original, o que nem sempre se mostra eficaz. Quando pensamos em guerra, é possível que cogitemos uma maldade original, o que não condiz com a teoria freudiana, pois ela não qualifica aquilo que move o sujeito, as pulsões. Mas é possível trazer à cena a banalidade do mal, conceito proposto por Hannah Arendt (1963/1999) ao cobrir o julgamento de Eichmann em Jerusalém.

Adolf Eichmann foi um militar de alta patente da Alemanha nazista, responsável pela solução final, que encaminhou milhares de judeus a campos de concentração e posteriormente a campos de extermínio. O que mais chamou a atenção de Arendt e dos envolvidos no julgamento foi a incapacidade dele em reconhecer que havia cometido um crime, qualquer que fosse, mesmo tendo sido declarado são, moral e legalmente, por psiquiatras que o avaliaram. Em sua lógica, como estava obedecendo a ordens, não havia feito nada de errado; pelo contrário, teria cometido um erro se tivesse ido contra o regime.

Arendt constrói um olhar biográfico sobre Eichmann para analisar a personalidade daquele que se recusava a compreender seus atos como monstruosos. Filho de uma família de classe média, foi o único dos irmãos a não concluir a graduação – exercia a função de vendedor. Segundo a autora, Eichmann seria um fracasso para a família, para sua classe social e para ele mesmo. A possibilidade de fazer parte de algo notório, como a ss, o faria entrar para a história. Além disso, poderia recorrer a um líder que lhe diria o que é certo e o que é errado. Por que alguém ambicioso, que quer fazer parte da história, ficaria satisfeito em se remeter a um líder que tomaria decisões por

si? E que ambição é essa que passaria por cima da vida de outras pessoas? Não estaríamos de fato diante de um monstro?

Para Arendt e para os especialistas que o avaliaram, não. Ele seria apenas um homem mediano, nem muito inteligente, nem tão pouco favorecido intelectualmente. Alguém sem preconceitos, que inclusive tinha parentes judeus. Então, por questões pessoais, não faria questão de exterminá-los. Estava apenas, como um bom cidadão de bem, cumprindo ordens. E a ordem que estava cumprindo, segundo ele, não era de matar judeus, mas sim de executar um planejamento da ss. Não tinha lido *Minha luta*, de Hitler. Não se identificava ideologicamente com o filosofia nazista. Estava apenas trabalhando, cuidando da família e respeitando as leis, como qualquer cidadão de bem. Se ele está obedecendo ao pai da horda, não tem por que haver culpa. A culpa só vem depois da destituição do pai primevo e da criação de uma nova sociedade.

Na música “Eles” (1968), Caetano Veloso e Gilberto Gil apresentam de forma primorosa os valores do tal cidadão, que pelo jeito não estava só na Alemanha nazista: “Eles têm certeza do bem e do mal”. Tal como Arendt mostra, não existe reflexão sobre os próprios atos, e a vida não é tridimensional, é rasa – existe o bem, o mal e alguém superior que dirá o que é certo e o que é errado, cabendo ao cidadão obedecer. Se não houver líder, esse cidadão ficará perdido até encontrar outra figura mitológica com a qual se identificar, para voltar a fazer parte da massa de escolhidos pelo líder que os representa. E representa o quê? Essa classe se vê representada em quê? Em tudo que não seja revolucionário, em tudo que conserve as coisas como estão, em tudo que permita uma vida sem grandes questões: “Em volta da mesa, longe do quintal/ A vida começa no ponto final” (Veloso, 1968).

Como Eichmann, os cidadãos de bem “Não preferem São Paulo nem o Rio de Janeiro/ Apenas têm medo de morrer sem dinheiro” (Veloso, 1968). Não estamos diante de alguém que considera razoável pensar, porque pensar é matar o pai, e esse cidadão precisa de um pai a quem se remeter. Talvez como tentativa de salvar a si mesmo, o cidadão não se importe em matar o outro – com letra minúscula, porque não estamos falando de relação entre sujeitos; estamos falando de alguém que manda e de alguém que obedece. O cidadão da massa é massa, não lida com a alteridade, não tem boa receptividade à novidade. Pelo contrário: “Têm medo da maçã/ A sombra do arvoredo, o dia de amanhã” (Veloso, 1968). É uma vida simples, sem grande complexidade. O bem é o que o líder ordena, e o mal é banal.

Em *O mal-estar na civilização* (1930/2010b), Freud apresenta o problema da felicidade como algo entre o individual e o cultural. Nesse texto, trata das relações entre os seres humanos e discorre brevemente sobre a ética “como o [ponto] mais frágil de toda a cultura. Ela há de ser vista então como tentativa

terapêutica, como esforço de atingir, por um mandamento do supereu, o que antes não se atingiu com outro labor cultural” (p. 118).

Em outras palavras, o exercício da ética exige trabalho psíquico. Freud diferencia esse esforço terapêutico de uma ética natural, que “nada tem a oferecer aqui, salvo a satisfação narcísica de o indivíduo poder se considerar melhor do que os outros” (p. 119). Tal como Eichmann, que queria entrar para a história ocupando uma posição superior, o cidadão de bem daqui se vê superior e acha até que “certa gente se conhece no cheiro” (Veloso, 1968).

Podemos inferir que o cidadão de bem ou o nazista apresentam pouca capacidade reflexiva e de consideração com o próximo, mesmo os exames psiquiátricos não reconhecendo alterações no padrão de funcionamento mental ou cognitivo dessas pessoas. Para Arendt (1963/1999), o mal seria banal porque estaria presente no homem comum – seria a capacidade de pensar o que destacaria esse homem da massa. Proposta não muito diferente da de Freud para combater a inclinação à guerra:

Inscreve-se na inata e inerradicável desigualdade dos homens o fato de eles se repartirem em líderes e dependentes. Esses últimos são a grande maioria, necessitam de uma autoridade que tome decisões por eles, decisões que em geral eles acatam incondicionalmente. Aqui talvez se possa acrescentar que deveria haver mais cuidado do que antes em educar uma camada superior de indivíduos de pensamento autônomo, refratários à intimidação e buscadores da verdade, aos quais caberia a direção das massas subordinadas. Não é preciso enfatizar que a extrapolação dos poderes do Estado e a proibição do pensamento pela Igreja não são favoráveis à criação dessa camada. A condição ideal seria, naturalmente, uma comunidade de indivíduos que tivessem sujeitado a sua vida instintual à ditadura da razão. (1932/2010c, p. 431)

Tanto em *Por que a guerra?* quanto em *O mal-estar na civilização*, Freud propõe o amor ao próximo como forma de ir contra a agressividade. Na verdade, ele compreende que Eros deve ser contraposto à pulsão de morte, que é apresentada como destrutiva. No entanto, o próprio Freud afirma, em trecho já citado de *Por que a guerra?*, que o humano conserva a própria vida ao destruir a alheia. Então, não seria a pulsão de vida o problema nesse caso? Segundo Zaltzman (1979/1994), é a força da pulsão de morte que propicia a vida na medida em que desconstrói normativas que sustentam um amor totalitário.

Para a psicanalista francesa, Eros tem a função de ligar e unificar, que por outro lado também pode levar a cristalizações e a situações de domínio, as quais, por sua vez, podem acarretar a morte psíquica e/ou física, como no caso dos “amores” totalitários, que exigem uma pessoa submetida ao desejo da

outra, ou mesmo em lógicas conservadoras, mantenedoras do status quo, que repudiam a espontaneidade, a criatividade e as novas maneiras de performar a si mesmo (Natale et al., 2020).

Quanto à pulsão de morte, Zaltzman amplia sua leitura ao destacar a dimensão de protesto contida nela, compreendendo-a como pulsão anarquista. Esta pode potencializar a vida, na medida em que trabalha a favor da ruptura de tendências estanques, promovendo desestabilização e, posteriormente, transformações (Natale et al., 2020). Segundo a própria autora,

a luta entre Eros e o instinto de morte organiza as relações entre o indivíduo e a sociedade. Às vezes, a vitória de Eros se volta para a autoconservação da civilização, com risco de usura; às vezes, a pulsão de morte trabalha em prol do mais individual levante libertário contra as formas sociais. (Zaltzman, 1979/1994, p. 65)

Em suma, é a insurreição às normas emparvededoras que permite a vida para além do ponto final.

### La crueldad, la guerra y el buen ciudadano: nada más allá del punto final

Resumen: a partir de la composición de Caetano Veloso y Gilberto Gil, “Eles”, se discute la banalidad del mal de la filósofa Hannah Arendt desde un punto de vista psicoanalítico. Se retoman brevemente los llamados textos sociológicos de Freud, *Por qué la guerra, Tótem y tabú, Psicología de las masas y análisis del yo y El malestar en la cultura*, para discutir la formación mítica de la sociedad occidental en torno a la culpa por el parricidio y la creación de vínculos fraternales como manera de prevenir nuevas manifestaciones de violencia fundamental. Las pulsiones de vida y muerte, tal como son leídas por Freud, en *Más allá del principio del placer*, y por Zaltzman, en *La pulsión anarquista*, son llevadas a pensar sobre la crueldad ejercida por la gente común o, en otras palabras, la banalidad del mal. Palabras clave: crueldad, banalidad del mal, psicoanálisis, pulsión de vida, pulsión de muerte

### Cruelty, war, and the good citizen: nothing beyond the endpoint

Abstract: In this paper, the banality-of-evil thesis by Hannah Arendt is discussed from a psychoanalytic perspective, based on the composition by Caetano Veloso and Gilberto Gil, “Eles”. Freud’s so-called sociological texts *Why war?*, *Totem and Taboo*, *Group Psychology and the Analysis of the Ego*, and *Civilization and Its Discontents* are revisited to discuss the mythical formation of Western society around the guilt for parricide, and the creation of fraternal bonds as a way to avoid

new manifestations of fundamental violence. The life and death drives, explored in *Beyond the pleasure principle* by Freud, and in *The anarchist drive* by Zaltzman, are brought to discuss the cruelty exercised by common people or, in other words, the banality of evil.

Keywords: cruelty, banality-of-evil thesis, psychoanalysis, life drive, death drive

### Cruauté, guerre et bon citoyen : rien au-delà du point final

Résumé : Prenant comme point de départ la composition de Caetano Veloso et Gilberto Gil, “Eles”, on discute de la banalité du mal, de la philosophe Hannah Arendt suivant un point de vue psychanalytique. Les textes dits sociologiques de Freud : *Pourquoi la guerre ? Totem et Tabou*, *Psychologie des masses et analyse du Moi* et *Le malaise dans la civilisation* sont brièvement repris pour évoquer la formation mythique de la société occidentale autour de la culpabilité du parricide et de la formation des liens fraternels comme un moyen d'éviter de nouvelles manifestations de la violence fondamentale. Les pulsions de vie et de mort, telles que lues par Freud, dans *Au-delà du principe de plaisir*, et par Zaltzman, dans *La pulsion anarchiste*, sont apportées pour penser la cruauté exercée par les gens ordinaires ou, en d'autres termes, la banalité du mal.

Mots-clés : cruauté, banalité du mal, psychanalyse, pulsion de vie, pulsion de mort

### Referências

- Arendt, H. (1999). *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal* (J. R. Siqueira, Trad.). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1963)
- Freud, S. (1996). Totem e tabu. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 13, pp. 17-167). Imago. (Trabalho original publicado em 1913)
- Freud, S. (2010a). Além do princípio de prazer. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 14, pp. 161-239). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1920)
- Freud, S. (2010b). O mal-estar na civilização. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 18, pp. 13-122). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1930)
- Freud, S. (2010c). Por que a guerra? In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 18, pp. 417-435). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1932)
- Freud, S. (2011). Psicologia das massas e análise do eu. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 15, pp. 13-113). Companhia das Letras. (Texto original publicado em 1921)
- Natale, R., Winograd, M. & Klier, N. (2020). *Pulsão de morte, trabalho de cultura e transgressão: introdução à obra de Nathalie Zaltzman*. Appris.
- Veloso, C. (1968). Eles [Música]. In *Caetano Veloso*. Philips.
- Zaltzman, N. (1994). *A pulsão anarquista* (A. C. R. Aguilar, Trad.). Escuta. (Trabalho original publicado em 1979)

Recebido em 7/2/2022, aceito em 14/3/2022

Fabiana Villas Boas  
fabianavillas@gmail.com